

Machado de Assis e o mundo desagregado: uma leitura de *Dom Casmurro*

Machado de Assis and the unbundled world: a reading of Dom Casmurro

Machado de Assis y el mundo desagregado: una lectura de Dom Casmurro

Valdemar Valente Junior 

Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo detectar elementos que ajudem a entender *Dom Casmurro* a partir da abordagem de situações que difiram da expectativa contida no projeto literário brasileiro da segunda metade do século XIX. No ambiente limitado ao Rio de Janeiro, essa obra supera a descrição referente a um processo mimético de feição local para aprofundar o aspecto psicológico e os dramas da condição humana. Diante disso, buscamos do mesmo modo detectar a relação que se amplia do âmbito local e do conflito familiar para a universalidade das relações que dizem respeito à crise social brasileira no contexto de transformações políticas que têm efeito na passagem entre os séculos XIX e XX.

Palavras-chave: Narrativa. Sociedade. Família. Crise. Memória.

ABSTRACT

This article aims to detect elements that help to understand *Dom Casmurro* from the approach of situations that will defer the Brazilian literary project in the second half of the 19th century. The environment limited to Rio de Janeiro, this work surpasses the description concerning a mimetic process of local feature to deepen the psychological aspect and the dramas of the human condition. In the face of this, we seek the same way to detect the relationship that extends from the local area and the family conflict to the universality of the relationships that relate to the Brazilian social crisis in the context of political transformations that have an affect on the passage between the nineteenth and XX centuries.

Keywords: Narrative. Society. Family. Crisis. Memory.

RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo detectar elementos que ayuden a entender a *Dom Casmurro* a partir del abordaje de situaciones que difieren de la expectativa contenida en el proyecto literario brasileño de la segunda mitad del siglo XIX. En el ambiente limitado a Río de Janeiro, esta obra supera la descripción referente a un proceso mimético de aspecto local para profundizar el aspecto psicológico y los dramas de la condición humana. Ante ello, buscamos de la misma manera detectar la relación que se amplía del ámbito local y del conflicto familiar hacia la universalidad de las relaciones que se refieren a la crisis social brasileña en el contexto de transformaciones políticas que tienen efecto en el paso entre los siglos XIX y XX.

Palabras clave: Narrativa. Sociedad. Familia. Crisis. Memoria.

Introdução

Uma análise apressada poderia repetir o lugar-comum de estudos a respeito de *Dom Casmurro* (1900) denunciando por meio de Bentinho a figura de Capitu como símbolo da dissimulação. No entanto, levando-se em conta o lugar e o tempo do narrador, deparámo-nos com o Rio de Janeiro do Segundo Reinado, cenário das contradições de um país às voltas com o liberalismo político em conflito com o regime de escravidão. Na verdade, a obra de Machado de Assis corresponde ao lapso que engloba alguns dos acontecimentos mais significativos da segunda metade do século XIX, a exemplo da Guerra do Paraguai, da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República, traduzindo a inquietação que esses eventos geram na sociedade brasileira. Por se concentrar no microcosmo do Rio de Janeiro, o conjunto de sua obra, especificamente *Dom Casmurro*, centraliza sua atenção no que se constitui em romance de personagem, deixando uma série de lacunas a serem preenchidas.

Assim, o tempo concorre para que certos tabus da sociedade se mantenham, a exemplo da relação conjugal, e sobretudo do mito da fidelidade feminina como exemplo de uma ordem que o casamento expressa como síntese do patriarcalismo. Machado de Assis adentra o labirinto das relações sociais analisando as injunções que levam a acordos e expressam a ideia de desconforto entre as partes envolvidas. Não obstante o esgarçamento desses acordos, a investida que pontifica em *Dom Casmurro* já se fizera presente na configuração que José de Alencar propusera anos antes ao publicar *Senhora* (1875), seu romance mais relevante. Todavia, o rompimento da ordem social tem seu limite, quando a obra aponta para o que se configura a partir da conciliação entre partes, atendendo à expectativa do leitor e, do mesmo modo, à ideologia dominante. Em *Dom Casmurro*, por sua vez, Machado de Assis aprofunda a discussão acerca da família em processo de desagregação.

Ao ser pensado com o devido apuro, alguns dos mais conhecidos romances do Bruxo do Cosme Velho dão conta de personagens que se desintegram da ordem familiar, quer isso se expresse através do celibato, da loucura ou da disputa entre irmãos. Assim, o exemplo de *Dom Casmurro* colabora com a proposta de entendimento acerca de situações que se alinhavam para configurar o tecido de uma narrativa da exclusão, uma vez que suas personagens buscam um sentido que lhes justifique a existência. Por esse meio, a obra de Machado de Assis consigna elementos cuja motivação interior decompõe o significado das coisas que lhes são essenciais, mas se atêm ao dado de memória que lhes é caro como vínculo entre extremos. Por isso, do mesmo modo que Brás Cubas escreve suas memórias a partir do túmulo, Bentinho

compensa a perda dos que lhes são caros escrevendo o livro de sua vida, além de reconstruir no cenário do Engenho Novo a casa em que viveu em Mata-Cavalos, ligando as duas pontas do novelo com que se propõe a cerzir os farrapos de sua história.

Desse modo, a narrativa confunde os termos quando o ex-aluno do seminário nomeia seu livro a partir do apelido que lhe fora dado por um morador do Engenho Novo com quem cruzara na viagem de trem, de volta da cidade. Daí remeter seu título ao que lhe induz a maturidade como síntese do tempo vivido. O narrador, a partir desse artil, sente-se à vontade para enumerar os acontecimentos que recuperam diferentes períodos e reconstroem sua própria imagem, a partir de um espelho que destorce a imagem dos demais. A narrativa concebe um sentido às personagens negando-lhes a possibilidade de contestar o que lhes é imputado, uma vez que apenas uma instância do discurso se pronuncia. A isso pode ser agregado o fato de que Machado de Assis justifica em *Dom Casmurro* o peso da dúvida que o transforma em romance que não se completa, decorrendo daí o interesse do público e da crítica em decifrar não apenas o que se condensa na figura enigmática de Capitu, mas o que faz desse romance um ponto destacado de sentido incomum.

O lugar de Machado de Assis, do modo como se apresenta a atividade literária no Brasil do século XIX, não coincide com a imensidão de seu talento. A isso pode ser acrescida a falta de importância do português como língua de expressão literária, incapaz de ombrear com as de prestígio universal. Desse modo, o que parece apresentar-se como discrepância serve para que o tempo confira a *Dom Casmurro* um sentido de permanência que se renova a partir dos estudos críticos que lhe reforçam o interesse. Por isso, a construção da imagem que se tem dessa obra deve-se à concepção de um mundo precário, marcado por seguidas separações, a que o artesanato narrativo e a intuição sempre precisa de seu autor buscam agravar, colocando-o diante de um abismo para o qual não há a menor possibilidade de retorno. Assim, ao contrário do que propugna a narrativa de José de Alencar, o pacto falacioso entre opressores e oprimidos não se confirma, permanecendo a distância que separa a tirania de Bentinho da suposta traição de Capitu sem que haja condições de se conjecturar a respeito de qualquer contraposição, na medida em que o narrador não permite que isso ocorra.

Machado de Assis singulariza a projeção de um mundo que assume em seu texto feição e sentido extremamente originais. A intervenção que impede *Dom Casmurro* de restringir-se apenas ao instante da leitura sugere uma obra sujeita à constante renovação de sua capacidade de inserção no imaginário coletivo.

Pautado em um diapasão que lhe confere a medida do que o autor propõe, o dilema de Bentinho concorre para a consignação de um espaço de avaliação desse transe que se configura em conceito moral, sendo, do mesmo modo, coroado pela expressão do individualismo que o supera. Assim, o convencimento do narrador supõe algo superior ao opróbrio do adultério, conferindo ao ex-aluno do seminário um estado patológico que em nenhum momento tangencia a caricatura naturalista. É certo que Machado de Assis opta por um terceiro termo à coisificação realista-naturalista, impondo à sua obra um sentido absolutamente próprio.

Do ponto de vista da dúvida, a proposição que Machado de Assis alia à concepção de *Dom Casmurro* contraria o modo de expressão da escola realista. A partir da elaboração de um texto cuja continuação será alvo da indagação que lhe assegura várias possibilidades de análise, descobre-se nele um contraponto ao que seria a lógica formal baseada em um conceito fechado. *Dom Casmurro* situa-se como narrativa a que não são franqueadas alternativas que resultem na possibilidade de sua compreensão. Essas alternativas são negadas, uma vez que o discurso em primeira pessoa sugere o fechamento da questão. A exemplo do que se verifica em alguns de seus contos mais conhecidos, Machado de Assis exclui do leitor a facilitação do entendimento que o possa levar a conclusões de sentido absoluto.

Não seria irrelevante recorrer às hipóteses que fazem de *Dom Casmurro* um romance que se mantém a partir do estranhamento que faz do leitor um agente situado para além de sua posição passiva, induzindo-o à condição de crítico do processo de que a obra resulta, quando não de alguém que interfere no processo narrativo com margem significativa de participação. A expectativa que decorre da obra marca sua abertura para além da leitura, mas reflete uma espécie de segredo, de que Machado de Assis não abre mão, negando-se a revelar o que se traduz em seu lance final. Estruturada a partir do que lhe pode sugerir evidências, essa possível obviedade desaparece, configurando um enredo que se torna complexo, mesmo diante do que lhe propõe sua simplicidade. As relações sociais agudizam situações cuja trivialidade se torna problemática, o que se confirma como elemento de alta voltagem, sobretudo se for pensada a posição de Machado de Assis em um contexto onde desfruta de ampla margem de superioridade.

O lugar específico de cada personagem mistura os termos que regem a ordem familiar em favor de uma conduta que irrompe no texto como situação ilógica, conduzindo o leitor por caminhos que o induzem a oscilar acerca de sua condição de entendimento. A falta de lugar a que *Dom Casmurro* corresponde suscita a primazia de um romance que se insere no rol das narrativas de excelência

por sua capacidade de desagregar o sentido das coisas e dos seres, conferindo-lhes a condição inevitável do incômodo que se faz presente na vida cotidiana. Além disso, Machado de Assis consegue dar à sua criação um elevado teor de síntese analítica, o que se confirma no enxugamento de um discurso que vai além de cada frase para inserir-se como índice elevado de sua descrença nos seres humanos, a que a acidez de seu humor e a corrosão de sua ironia deixam evidentes.

Ironia e subversão

A obra de Machado de Assis concorre para o que se pode chamar de consciência da miséria humana em sua condição mais plena. No entanto, o sadismo de algumas suas personagens atinge a consagração em *Dom Casmurro*. O tempo da narrativa não se exime de deixar claro o Segundo Reinado como período de irradiação de diversas modificações na conjuntura política do país. Por sua vez, o desenvolvimento na infraestrutura da Corte acaba por dotá-la das condições à expansão da atividade cultural propícias a um ambiente literário extremamente favorável. Nisso se inclui a produção machadiana que, sem de modo algum seguir o rastro de coisificação do materialismo cientificista, não se furta a evidenciar a Corte como cenário das transformações do país.

Assim, Machado de Assis evidencia as contradições que decorrem desse período de transe social e político. Publicado no final do século XIX, *Dom Casmurro* inaugura o lance seguinte à Abolição da Escravatura e à Proclamação da República, ainda que seu plano de memória, da infância à vida adulta de Bento Santiago, transcorra entre as décadas de 1850 e 1860. O ambiente desgastado por pressões políticas prepara as condições para que se aprofunde em Machado de Assis a desilusão e o ceticismo que o acompanham até o fim. A esse ceticismo adensa-se a maneira pela qual observa a sociedade e nela a condição humana como um sistema de equívocos, espécie de circo de marionetes onde cada um desempenha seu papel. Ao ser transposto para a obra, esse cenário coloca em questão as aparências que se conflitam com a realidade das ações. A isso José Guilherme Merquior (1977, p. 179) acrescenta:

Em *Dom Casmurro*, a análise psicológica, mais intimista, prefere voltar ao relato subjetivo, contado na primeira pessoa, por um autor-personagem. Este é o próprio “Dom Casmurro”, cinquentão solitário e meio urso, que, após ter realizado o capricho de reproduzir tal qual, no Engenho Novo, a casa em que se criara “na antiga Rua de Mata-Cavalos”, no vão intento de “restaurar na velhice a adolescência”, põe-se a transcrever suas reminiscências, a ver se recuperava deste outro modo o sabor do seu passado.

Por esse meio, o retorno a Mata-Cavalos, na perspectiva do passado, efetiva o presente no Engenho Novo, onde a reprodução da antiga casa da família Santiago denuncia uma refração ao avanço do tempo e das mudanças que dele advêm. O tempo, portanto, representa os dois lados de uma mesma moeda a que autor do livro que narra sua própria vida recorre, neutralizando qualquer posição que lhe seja contrária. Assim, Machado de Assis parece reforçar em Bentinho a situação de negação de um mundo que lhe seja positivo quando, ao narrar suas memórias, aprofunda aos olhos do leitor a destruição dos que o circundam. Desse modo, José Aderaldo Castello (1969, p. 141) acrescenta:

Solidão e incomunicabilidade são os componentes da realidade interior, a qual, contudo, tenta superá-los pelo mito ou pela ilusão, cuja imagem é refletida pelo espelho do mundo exterior. É em virtude do procedimento desse impulso de libertação, com o seu triunfo ou derrota, que eles são necessariamente relacionados com a memória. E cabe à memória o poder mágico de povoar aquele mundo interior ou deixá-lo sob o império da solidão e da incomunicabilidade, conforme opere a duração ou a evocação despojada afetivamente, ou o esquecimento, conforme, em suma, o triunfo ou a derrocada da ilusão.

Em verdade, Bentinho constitui-se no vilão de sua própria história, uma vez que concorre para o aniquilamento da mulher e do filho, de quem se separa, culminando sua vida no egoísmo e na solidão da casa no subúrbio. Isso corresponde à sua insatisfação, como se o passado fosse imutável e sua história obedecesse a uma versão estritamente pessoal. Assim, Machado de Assis evidencia o descompasso de um mundo que lhe é estranho e injusto, ao submeter sua obra ao risco de transgressões de forma e sentido. A concepção advinda da decepção com o que lhe cerca resulta do exercício de um humor que se mostra ferino, sendo esse o ponto alto do desprezo que acumula com relação aos notáveis a quem se impõe pela força de seu talento. Não obstante sua aceitação incontestada, sua obra investe contra os que lhe parecem ser os algozes de um mundo sem compaixão, ao subverter com sutileza a ordem consolidada.

O egoísmo de uma sociedade presa a valores de classe perpassa a obra de Machado de Assis como ponto de observação. Além disso, as classes dirigentes, donas de terras e de escravos, legitimam a situação de um país que há muito pouco tempo se emancipara. Daí o convívio com a escravidão concorrer para que, ao negar o pragmatismo científico, opte por desprestigiar as forças positivas da sociedade, esvaziando a hipótese depositada nas ações de ordem política. Cabe alertar para o fato de que Machado de Assis distancia-se dos acontecimentos do período em

que pontifica sua obra. Por isso, o episódio das placas com os nomes do Império e da República em *Esau e Jacó* (1904) ironiza com absoluta clareza o que se apresenta como mera convenção, na medida em que o oportunismo das classes dirigentes acaba por transformar, a exemplo do dono do estabelecimento cuja placa é trocada, monarquistas históricos em republicanos de última hora.

Dom Casmurro funciona como retrato do que se manifesta na constituição da família Santiago, em vista do patrimonialismo como marca da autocracia latifundiária detentora de privilégios. Do outro lado, coloca-se a família Pádua, a que pertence Capitu, cujo pai é um funcionário público sem possibilidades de ascender. Como ponto de intermediação, a presença de José Dias reforça a figura do agregado como elemento que se destaca da condição de serviçal, gozando de prestígio e de alguma regalia, mas visto como elemento acessório pelo núcleo familiar que o acolhe. Desse modo, configuram-se as condições à compreensão de um *status quo* que aponta para a desigualdade social como fator preponderante. Por isso, o que o narrador denuncia como sendo a malícia e a dissimulação que caracterizam Capitu obedece ao que a filha de uma família remediada busca através do casamento com um rapaz de condição superior, a quem conhece desde a infância.

No entanto, a expressão dessa inferioridade manifesta-se no modo como Capitu é acusada, recaindo-lhe as pechas que se coadunam ao preconceito sobre quem, como ela, na visão do narrador, contorna situações inverossímeis a partir de um elenco de ardis que a estigmatizam como dissimulada, ao lançar mão de estratégias que omitem sua face verdadeira, sob a luz de um olhar que muda de direção, conforme lhe convém. A isso deve-se unicamente a intuição de que Machado de Assis se serve para contrapor em *Dom Casmurro* um mundo de verdades absolutas que acabam por se esvanecer no espaço da dúvida. Por essa via Augusto Meyer (1982, p. 361) nos acrescenta:

E assim notamos quase sempre, nos romances de Machado, uma complexidade tematológica, raras vezes simplificada em proveito de um único tema dominante, como em *Dom Casmurro*, onde o clássico triângulo: *marido, mulher, amante*, está bem à vista no proscênio da obra.

Assim, o sadismo de Bentinho se faz presente na opressão que exerce contra a mulher e, indiretamente, contra o filho, a quem não reconhece como seu. A despeito de ser uma obra que subverte a lógica predominante, no que tange à representação da mulher, *Dom Casmurro* evidencia um enorme atraso nas relações familiares, a partir do lugar onde Machado de Assis coloca Bentinho, confinando-o à solidão.

O sucesso desse romance deve-se à revanche masculina que despeja em Capitu sua carga de opróbrio, caracterizando-a como sinônimo de adultério e falsidade. No entanto, isso desobedece ao que sugere Machado de Assis que, ao provocar esse atrito, contrapõe ao suposto adultério a tirania de um homem dominado pelas convenções que caracterizam as relações conjugais. Assim, os termos dessa equação invertem-se quando o foco da observação abandona a versão em primeira pessoa para lhe contrapor a ausência de termo contraditório. O texto não permite a ocorrência de qualquer fator que venha confrontar o que Bentinho escreve como narração de sua vida. A perversão sem culpa que o faz condenar a mulher e o filho, em quem enxerga a imagem o amigo Escobar, concorre para que ele sobreviva enquanto os demais fenecem, restando-lhe o ônus do refúgio no Engenho Novo.

A partir do período descrito, *Dom Casmurro* potencializa a avalanche de acontecimentos que desagrega a ordem social. Essas transformações acrescentam-se ao ambiente literário que tem em Machado de Assis um escritor a quem não há como rivalizar. A inovação dos elementos inerentes ao drama psicológico nos quais investe subverte por completo a narrativa circunscrita ao espaço como resposta ao quadro patológico do homem como produto do meio. Desse modo, Eugênio Gomes (1958, p. 109) nos afirma:

É fora de dúvida que, geralmente, obedeceu ao escritor antes a razão estética do que à desvairada obstinação com que os romancistas naturalistas perseguiram os estigmas e taras da espécie humana. Não será, entretanto, desarrazoado admitir que Machado de Assis encontrava naquela nova escola a válvula ideal para dar vazão a alguns resíduos de sua náusea da vida.

Em *Dom Casmurro*, o determinismo social sucumbe às perversões que se acentuam no plano da convivência burguesa, dando mostras do que se explicita nas formas mais sutis, do mesmo modo mais abjetas, exercidas no plano psicológico com repercussão no plano físico, em decorrência da perversidade e da violência de uma sociedade que custa a abrir mão do trabalho escravo como sinal do atraso que prevalece em suas relações.

O texto destitui a expectativa de uma organização que privilegie a continuidade da prole e a lógica dos fatos. Bentinho enxerga na mulher e no filho imagens da traição de que supõe ter sido vítima. No entanto, as situações narradas o colocam em posição oposta, uma vez que sua opção pelo isolamento se ratifica no egoísmo de que se nutre. Bentinho recebe Ezequiel, a quem trata com distância. Desse modo, a transgressão à ordem atende ao desígnio que se acentua na obra de Machado de Assis como descrença que se reflete na transição entre as duas

fases que marcam a sua obra. *Dom Casmurro* destaca-se como o ponto elevado desse momento de configuração da produção que se depura em sua capacidade de análise.

A mudança no regime político da Monarquia para a República possui importância essencial, mas representa um jogo de aparências pelo qual Machado de Assis não desperta interesse. No entanto, a inquietação que se apodera de sua obra como índice de inconformidade do homem com o mundo situa-se como espelho onde se refletem os últimos anos do Segundo Reinado. A isso pode ser acrescido o fato dele equilibrar-se à situação em que vive, escreve e publica sua obra. No cenário dessas mudanças, *Dom Casmurro* pode ser considerado como romance que incide na desestruturação da ordem, evidenciando por caminhos transversais a imposição do tempo como busca por respostas e definições no contexto da política e da cultura.

O local e o universal

A obra de Machado de Assis assume como sinal de afirmação a relação com a universalidade de que os grandes escritores são representantes. Por isso, sua escrita discrepa do caiporismo de um meio cultural quase sempre submisso à reprodução do último folhetim parisiense. A recorrência ao discurso em terceira pessoa, na concepção onisciente de seus primeiros romances, assume outro diapasão a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), chegando ao ápice em *Dom Casmurro*, quando a crise moral reflete as mudanças no âmbito de uma sociedade que busca redefinir seu papel. Esses dados não dizem respeito apenas aos acontecimentos da ordem brasileira, mas à reverberação da ordem mundial que bate à porta do país, em vista da necessidade de atualização de seu lugar nesse contexto. Como elemento contraditório acerca de Machado de Assis, Brito Broca (1991, p. 40) afirma:

Não me venham, igualmente, invocar o exemplo de Machado de Assis, o propalado abstencionismo do autor de *Dom Casmurro*, na campanha abolicionista. Quem escreveu dois contos como “Pai contra mãe” e “O caso da vara”, em que a escravidão aparece sob o aspecto mais atroz e desumano, nunca pode ser acimado de indiferente ao abolicionismo.

A Abolição e a República, portanto, atendem de maneira mal-acabada à demanda do capital sequioso por investir, decorrendo daí o descompasso social e a crise de valores de que *Dom Casmurro* pode ser um exemplo à brasileira. Ambientado no Rio de Janeiro, centro dos acontecimentos de interesse da política brasileira, o romance universaliza a condição amorosa como metáfora das situações sociais em um plano conceitual muito mais amplo.

Em vista disso, a cena familiar corresponde à imagem da cidade em expansão, em decorrência do crescimento do país. Todavia, essa demanda encerra um processo que se define a partir de questões políticas como fim de um modelo sem que ocorra a substituição daquilo que se encerrou. Ao discorrer acerca da crise moral da família, *Dom Casmurro* reforça a derrocada de um sistema que tropeça em seus próprios passos. Mais ainda, a narrativa machadiana amplia seu halo de visão ao limite do que se reflete com o fim do século XIX, fazendo com que o século vindouro seja esperado com ansiedade. Além disso, promove um inventário psicológico no qual Bentinho se confirma, querendo ser a o romance em questão precursor de exemplos da literatura moderna onde essa tensão comparece.

No entanto, ao mérito inovador da obra de Machado de Assis há que se contrapor a atraso que separa o Rio de Janeiro das grandes cidades do mundo, haja vista o processo de regeneração implementado pelo governo do início do século XX como resposta à necessidade de o país atualizar-se ao nível das exigências do mundo civilizado. *Dom Casmurro* acaba por contrariar as expectativas de um mundo que se pretende moderno, situando-se como texto na linha limítrofe do descompasso que o separa do atraso que registra o lugar que país ocupa. O que Roberto Schwarz conceitua como inadequação corresponde à obra de Machado de Assis como sinônimo do Brasil como país periférico e escravista:

Voltando a Machado de Assis, vimos que sua fórmula narrativa atende meticulosamente às questões ideológicas do oitocentos brasileiro, ligadas à posição periférica do país. Acertos, impasses, estreitezas, ridículos, dos predecessores e dos contemporâneos, nada se perdeu, tudo se recompôs e transfigurou em elemento de verdade (SCHWARZ, 1990, p. 225).

Destacando-se no ambiente cultural que lhe fica a dever, Machado de Assis reitera o atraso brasileiro com relação ao mundo desenvolvido, o que serve de medida à produção literária em termos locais. A superação dessa condição não é cogitada, prevalecendo a ausência de mecanismos que a isso sucedam como uma nova ordem de coisas. O que poderia transparecer apenas como exacerbação do ciúme de Bentinho repercute na tirania contra Capitu, por conta de uma sociedade onde predominam as formas desiguais de tratamento nas relações conjugais.

O descrédito depositado no primado da razão acompanha Machado de Assis na trajetória de sua obra e potencializa em *Dom Casmurro* a condição de romance que agudiza o aniquilamento de esquemas sociais até então não evidenciados na literatura brasileira. Desse modo, a contemporaneidade do livro escrito por

Bentinho extrapola seu próprio tempo, na dimensão de uma expectativa futura que se capacita a suplantar a aceitação das condições sociais que se vivificam. Há que se considerar o perfil conservador da vida na Corte, o que se confirma na ironia como aspecto crítico. Desse modo, as demandas de sentido local ampliam-se, fazendo crer ser essa sociedade o laboratório onde o Bruxo do Cosme Velho experimenta substâncias e cadinhos específicos, tirando daí a essência de suas observações.

Em *Dom Casmurro*, os espaços vão do Rio de Janeiro à Suíça sem que isso resulte em descrição de feição naturalista, uma vez que a casa de Mata-Cavalos e sua réplica no Engenho Novo são os elementos que melhor expressam o significado da narrativa. Ao escritor pouco importa que o lugar restrito à cidade possa transparecer algo em torno de uma suposta limitação. Na verdade, a dimensão de *Dom Casmurro* contraria o âmbito local, uma vez que as relações que estabelece estão ligadas ao plano do essencialmente humano. A isso adensa-se o ciúme que corrói a personagem principal e subentende um plano do devir que se constitui em matéria decorrente de seu interesse em aproximar-se do abismo onde os seres humanos mergulham. A condição de um eu que sugere o lugar do outro redimensiona a escrita como possibilidade dialógica.

Dom Casmurro tem como intenção o emprego da linguagem como ferramenta pontiaguda que fere com sutileza. O confronto direto é atenuado, tendo em vista sua denúncia à hipocrisia sem que isso represente uma zona de conflito. As mazelas humanas reafirmam seu poder de observação como condição especial. Diante dos impasses que resultam da crise social, se forem pensados os traumas da escravidão, torna-se preciso relacionar as divergências arroladas em *Dom Casmurro* às injunções inerentes à miséria humana como valor a que Machado de Assis já se referira em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Portanto, escrever resulta da reflexão do homem diante de si mesmo, podendo essa investida estabelecer linhas de contato com um mundo que lhe é estranho, sendo-lhe ao mesmo tempo similar.

A narrativa de Machado de Assis sugere um caminho a ser seguido pelos que lhe sucedem. Essa contaminação ocorre sem que haja uma via de mão dupla, ou seja, um Machado de Assis desconhecido e um outro que não dispõe de tempo para levar adiante os postulados de sua obra. Assim, a sua obra condiz com o movimento do mundo em transição, evidenciando um choque violento entre forças. Esse embate ajuda a refletir acerca de *Dom Casmurro* como romance essencial, a partir da urgência do País em atualizar seu contato com a civilização como processo de que se faz necessário tomar parte. Esse descompasso pode ser visto no que Machado de Assis denuncia sem se envolver.

As mudanças políticas e sociais no Brasil encontram no romance machadiano um ponto de entendimento. *Dom Casmurro* aponta o descompasso brasileiro, trazendo à luz o atraso da classe superior que se basta em suas ações, não assumindo seu papel de agente das transformações que o País exige. Desse modo, Raymundo Faoro (1974, p. 14) coloca:

Burguesia insegura de sua força e de seus poderes, nobilita-se e se afidalga por todos os meios, pela imaginação, falsificação ou imitação. Sob esta sombra, cresceu o constringido acatamento a uma aristocracia, sem raízes e sem tradição. Burguesia mascarada de nobreza, incerta de suas posses, indefinida no estilo de vida.

Bentinho reflete o individualismo dos mandatários, limitados às regalias como exercício do que se perpetua na relação com seus subalternos. O casamento com Capitu lhe reforça o pendor para a acusação, a partir do opróbrio sobre quem, no âmbito da narrativa, não tem qualquer possibilidade de se defender. Assim, estamos diante de um modelo social que exerce influência em diferentes níveis, a partir da ignomínia do trabalho servil e das formas de poder arraigadas às relações familiares. O escritor, portanto, com as tintas de que dispõe, executa com maestria um painel da cena social marcada pela desigualdade e pela truculência.

A dimensão do conflito, no plano da narrativa, faz pensar em um país às voltas com sua inserção no âmbito das decisões de um mundo que sequer lhe reconhece o lugar. O Brasil é um país desconhecido, ainda que narrativa machadiana possa tardiamente igualar-se às de maior importância nos meios de cultura, tendo condições de impor sua condição essencial. Assim, Machado de Assis busca um filão de originalidade que não apenas o destaca de seus contemporâneos brasileiros, mas o coloca diante de um *corpus* literário que se amplia para além da condição local. Como fundador da Academia Brasileira de Letras, marca um tento formidável, na medida em que congrega em torno dessa instituição um grupo seleto sobre o qual triunfa a chancela de seu nome e de seu talento.

O sentimento humano em sua plenitude conspira para que *Dom Casmurro* se situe como símbolo de singularidade em uma época em que o apelo naturalista se define como tábula rasa, recorrendo às soluções que mimetizam o aspecto facilitário das ações de contorno previsível. Por sua vez, esse romance surpreende ao suscitar soluções inusitadas, prezando por um índice de indefinição que o protege da fixação de fim em si mesmo, ao passo em que lhe confere a condição de obra em aberto. Desse modo, Alfredo Bosi (1999, p. 11-12) afirma:

O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos; e para a crítica sociológica é quase-tudo. De todo modo, pulsa neste *quase* uma força de universalização que faz Machado inteligível em línguas, culturas e tempos bem diversos do seu vernáculo luso-carioca e do seu repertório de pessoas e situações do nosso restrito oitocentos fluminense burguês.

Esse lugar conspira a favor do prestígio que a obra machadiana adquire, ao sugerir que ela se projete a partir de um plano que lhe confere a notoriedade de que se mostra merecedora. Ao reiterar a situação de um país à margem do capitalismo industrial, Machado de Assis joga com os trunfos de que dispõe, a partir do debate acerca do atraso brasileiro, tendo em contrapartida a possibilidade dessa condição ser a geratriz de um programa para a literatura, espécie de roteiro do drama doméstico que se amplia em perspectiva.

O conflito moral decorrente do adultério adquire força expressiva pelo distanciamento de que a obra se serve. Esse distanciamento corresponde ao núcleo das ações na visão unívoca de um narrador que afasta a possibilidade de contraposição acerca do que afirma. A isso se deve a capacidade que *Dom Casmurro* encerra, a partir dos extremos que se entrelaçam como forma de articulação de seu enredo. A traição conjugal que dá ênfase à narrativa efetiva a dúvida do leitor e persiste como verdade do narrador em primeira pessoa, ao insistir acerca do que não pode ser provado. Com isso, Machado de Assis confere ao romance os elementos que se constituem em matéria de primeira linha, corporificando a condição de uma narrativa que caminha com seus próprios pés na direção do que lhe fundamenta.

A relação com o leitor

O diálogo que em *Dom Casmurro* se estabelece com o leitor corresponde à superação de um narrador onisciente que opta pela primeira pessoa. Isso acentua-se como sofisticação que se configura na resolução formal que a obra assume. Esse estilo incorpora-se a um viés de ironia que convoca o leitor a tomar parte do processo narrativo como se lhe fosse dado o direito de inserção em seus meandros. A opção pelo diálogo com o leitor começa em *Memórias póstumas de Brás Cubas* chegando a *Dom Casmurro*, quando o apelo à indagação permanente induz o narrador a compartilhar suas opiniões. A narrativa de feição confessional engana em sua proposta, quando o leitor passa à condição de elemento diferencial, uma vez

que as intervenções que o texto incorpora apresentam-se de forma pontual, obedecendo à vontade do narrador.

A participação do leitor prepara o cenário para o capítulo seguinte, já que sua cumplicidade conspira em favor do romance como uma espécie de guia, além do fato de que, na condição de testemunha da narrativa, sua participação fundamenta o diálogo com o narrador como se este lhe consultasse quando fosse preciso. A situação envolvendo a relação entre Bentinho e Capitu encontra no leitor um ouvinte a quem o narrador deposita confiança. Por tratar-se de uma narrativa em que a dúvida prevalece, esse ouvinte indefinido consolida o sentido da obra ao explicitar sua função. Narrar fatos passados implica poder compartilhá-los com quem, no caso do leitor, ainda não se configurou efetivamente, nos termos do que compõe o processo diegético. Ao dialogar com o leitor, o narrador solicita que lhe seja adiantada a ordem dos fatos, não havendo precipitação que possa interromper o que a obra promete narrar.

A aproximação do leitor abre lacunas que possibilitam ao narrador buscar formas lenientes ao fluxo dos acontecimentos. Na lida com os conflitos que a relação conjuntural lhe impõe, Bentinho, ao narrar suas memórias, demonstra naturalidade ao impactar o leitor com os episódios vividos ao lado de Capitu, transferindo-lhe uma indignação que é somente sua. Desse modo, M. Cavalcanti Proença (1974, p. 128) acrescenta:

Dúvida retórica, certamente, pois um exame retrospectivo nos mostra quanto nós, leitores, nos deixamos enganar todo o tempo, contaminados, ou melhor, contagiados pela meia cegueira que a nuvem de paixão provoca, envolvendo a cabeça do narrador.

Seria como ter com quem dividir os acontecimentos, sugerindo ao leitor que recupere o livro atirado fora e recomece sua leitura. Assim, o que parece ter nascido do improvisado funciona como técnica, concorrendo para que o romance adquira teor inusitado, a partir da ironia fina das lacunas impostas aos capítulos. Essa técnica não se apresenta como algo absolutamente novo, se for pensado o sentido do *humour* inglês de que Machado de Assis é adepto. No entanto, esse humor, ao configurar-se como elemento da narrativa brasileira do século XIX, assume posição inusitada como um achado de concepção extraordinária que concorre como ponto de excelência.

Nesse contexto, o leitor não atende apenas ao que representa um ombro amigo. Para além disso, colabora quase como um coautor, na medida em que o narrador lhe consulta acerca do enfeixe dos capítulos, bem como a respeito da sequência narrativa, quando se vê diante da indefinição que a prosa parece seguir. *Dom Casmurro* transita na história literária como romance cujo apelo se

formaliza na persistência do impasse. Assim, podemos perceber de que modo Machado de Assis articula os mecanismos de um segredo que se evidencia a partir da cumplicidade de um leitor que de antemão parece ter ciência dos fatos. Em face do que se apresenta, a elaboração de *Dom Casmurro* assume não apenas o lugar que o narrador sugere ao leitor, mas também confirma a eficiência de uma linguagem que se faz definitiva. A isso, Antonio Candido (1970, p. 25) acrescenta:

Como o livro é narrado por este, na primeira pessoa, é preciso convir que só conhecemos a *sua* versão das coisas, e que para a furiosa “cristalização” negativa de um ciumento, é possível até encontrar semelhanças inexistentes, ou que são produtos do acaso (como a de Capitu com a mãe de Sancha, mulher de Escobar). Mas o fato é que, dentro do universo machadiano, não importa muito que a convicção de Bento seja falsa ou verdadeira, porque a consequência é exatamente a mesma nos dois casos: imaginária ou real, ela destrói a sua casa e a sua vida. E concluímos que neste romance, como noutras situações da sua obra, o real pode ser o que parece real.

As vicissitudes amorosas contam com o auxílio do leitor, convertendo-se na queixa à traição da mulher. Por esse meio, o leitor concorre para que o processo narrativo lance as bases de um programa de fixação de um modelo inusitado de escrita literária. A convocação do leitor tem o mérito de inserir na obra um sentido de metalinguagem que acompanha *pari passu* o andamento do texto. Por vezes, o narrador interfere para oferecer ao leitor uma explicação de como certas passagens do livro se processam, dando-lhe as pistas por onde a narrativa transita, ainda que não lhe garanta absolutamente nada acerca de seu desfecho.

Esse leitor compactua dos momentos de tédio e êxtase de Bentinho, que lhe garante foro reservado. Esse ar de confiança desfaz-se na perspectiva de um leitor posterior ao tempo em que o romance é escrito, diluindo-se como manifestação que corresponde às suas expectativas. A narrativa efetiva-se como espécie de escrita ao correr da pena, quando o narrador conversa com o leitor. Desse modo, o casamento com Capitu é narrado como se o leitor aguardasse o comunicado do enlace, na medida em que é constantemente convocado. No entanto, o episódio do casamento, no que tange aos sofrimentos a que Bentinho se imola, parece dar início a um outro romance com ingredientes próprios, mas com elementos inerentes à mesma feitura narrativa.

Dom Casmurro cumpre o papel de legitimar o leitor como presença incontestada, conferindo-lhe uma condição sem a qual o romance não teria o significado que adquire. Desse modo, Sonia Brayner (1979, p. 84) afirma:

O leitor machadiano é estimulado sempre a perceber sua nova importância dentro do enunciado romanesco: a ativa participação é elemento essencial para efeito de comunicação. Os elementos retóricos de que Machado lança mão são guias para o leitor produzir o significado do texto, não estando isolados na dinâmica transformadora geral.

A condição do leitor obedece a um diapasão que chega ao ponto máximo. Para esse fim interfere o capítulo em que Bentinho se delibera a matar três cães vadios que latem todo o tempo, infernizando o sossego da família, por ocasião do nascimento de Ezequiel. Ao sair à rua com três bolas de carne envenenada, conclama o leitor a lhe servir de testemunha. No entanto, persistirá a dúvida acerca dos cães terem sido envenenados ou terem parado de latir ao serem atraídos pelo cheiro da carne. Isso só cabe ao leitor que, segundo o narrador, não confere a condição de quem se presta a matar animais indefesos, preferindo a segunda hipótese, por não o considerar capaz de uma atitude tão infame. Por outro lado, o leitor que lhe presta a confiança de não lhe atribuir a indignidade de um ato tão espúrio não parece ser o mesmo a quem o narrador confia a hipótese do adultério. O problema que se impõe faz com que difira o lugar do leitor passivo, já que a história de Bentinho busca a isenção de uma culpa que não lhe é possível. Por esse meio, Dirce Côrtes Riedel (1982, p. 399) acrescenta:

O texto de Machado é quase sempre baseado na paródia. No entanto, o narrador, sempre ambíguo, parodia ao mesmo tempo que nega a o conflito das duas vozes. Fica, ambivalentemente, entre a paródia e a estilização, sem se pronunciar nem por uma nem por outra.

O leitor é aconselhado a não fechar o livro, mantida a promessa de ser mudado o rumo dos fatos. Isso demonstra o absoluto domínio com que Machado de Assis manipula os cordéis desse enredo. Assim, certos capítulos sugerem a ausência da escrita ou de algum outro texto que se perdeu, como se perderia o discurso à beira do túmulo de Escobar, rasgado em pedaços à porta do cemitério. As palavras se perdem como se fosse possível reencontrá-las a qualquer momento. O livro da maturidade promove idas e vindas no tempo, recorrendo a personagens como Dona Sancha, que comparece à convocação do narrador. No entanto, a ela fica o pedido de que não leia a obra, sendo ainda melhor queimá-la e, no caso de vir a lê-la, que isso se dê por sua conta e risco.

O narrador intercala trechos em capítulos alternados, a partir do convite para que o leitor retroceda ou avance. Do mesmo modo, ao planejar o suicídio, Bentinho escreve uma carta a Capitu, a partir de um texto que sai do próprio texto, o que sugere uma configuração labiríntica.

A carta, seguida de outra, é queimada, ficando apenas o relato acerca do que cada uma representa como forma de provocar o remorso da esposa. Em seguida, o leitor atua como confidente quando a emoção invade a cena para que Ezequiel lhe manifeste carinho filial, fazendo-o adiar o ato tresloucado. Assim, a narrativa machadiana enceta um sinal evidente da inconformidade humana, o que só pode ser contornado a partir de um narrador que conte com a interferência o leitor.

O romance chega ao fim deixando abertos os espaços por onde o leitor transita. A originalidade de *Dom Casmurro* o define como romance em cujo enredo interfere uma diferença significativa com relação ao ato de narrar. A perspectiva que se aí lança funciona como elemento até então desconhecido do leitor brasileiro. Esse, por sua vez, atravessa o tempo colocando em dúvida as intenções do autor de *Dom Casmurro*, que não deixa rastros na trilha a ser seguida. Ao arquitetar as jogadas desse xadrez, cujos peões vão embora mais cedo do tabuleiro, a leitura sugere a permanência das peças de maior valor, decorrendo daí a sequência dos lances finais, quando o xeque-mate se apresenta inevitável a qualquer momento.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigmado olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- BRAYNER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro, Brasília: Civilização Brasileira, INL, 1979
- BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas*. Campinas: Editora Unicamp, 1991.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Realidade e ilusão em Machado de Assis*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Edusp, 1969.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- GOMES, Eugênio. *Aspectos do romance brasileiro*. Salvador: Progresso, 1958.
- MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- MEYER, Augusto. O romance machadiano: o homem subterrâneo. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Brasília: José Olympio, INL, 1974.

RIEDEL, Dirce Côrtes. Razão contra sandice. In: BOSI, Alfredo *et al.* *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

Recebido em: 20/11/2017.

Aprovado em: 26/03/2019.

Publicado em: 21/06/2019.

Autor:

VALDEMAR VALENTE JUNIOR

Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Autor de *Entre a cidade e o campo: Mário de Andrade e a música popular* (2016) e *O mundo às avessas e outros ensaios* (2017).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6190-989X>

E-mail: valdemarvalente@gmail.com

Endereço: Centro Educacional de Realengo

Av. Santa Cruz, 1631 – Realengo

21710-250, Rio de Janeiro, RJ, Brasil